

Na Recepção de Oscar Mendes

Braga Montenegro

Tôda vez que se me oferece o ensejo de fazer, protocolarmente, a apresentação de um homem de letras a um cenáculo de cultura ou a um público inteligente e bem informado, ocorre-me à lembrança um episódio de minha recuada puerícia.

Visitava eu minha bisavó, mãe de minha avó materna, na sua velha casa, num dos socavões do lado sul da serra de Maranguape, e desta vez eu me fazia acompanhar de um primo mais môço, estudante na cidade, ao qual me sentia bem em servir de cicerone. Assim, sob muitas recomendações e zelos da velha parenta, desci à grota e mostrei-lhe a bica de água fresca e farta, cuja queda nos doía no lombo nos banhos intermináveis e enregelantes, mostrei-lhe o poço em que pegávamos pitus a laço de fibra de côco, as velhas árvores generosas de frutos sumarentos, a capela ampla e limpa dos novenários reboantes de foguetes, a cascade-farinha rendada de teias de aranha salpicadas de polvilho, a pocilga, o curral das vacas, o galinheiro, os armazéns de cereais... E neste peregrinar de surpresas e admirações, penetrei, sem querer, num quarto isolado, onde, entre as luzes da inteligência e as sombras da insânia, estava um agregado da casa, parente longínquo, a purgar não sei que medonhos pecados. Sua aflição era consternadora e estava a invocar reiteradas vêzes o nome de Deus e de Maria Santíssima, como se o mundo estivesse a ser devorado pelas águas ou pelo fogo do Juízo Final. Às vêzes desfrutava de longos períodos de calma, e foi assim que eu e meu primo

o encontramos naquela recuada e fria manhã serrana. Algo tolhido pela surpresa do encontro inesperado, decidi tomar-lhe a bênção e, ao mesmo tempo, fazer a apresentação de meu companheiro e primo.

Enquanto me abençoava, o velho me tomava pela mão, e eu:

— Tio Manèzinho, êste é um primo meu, o Bolívar...

O ancião atalhou numa lucidez de memória bem característica dos insanos, nos momentos de repouso:

— Já sei; é filho de Ernestina e de Jacinto... Deus te abençoe... Como vão teus pais? Por que êles não me visitam?...

E voltando-se para o meu lado, eu, que era o seu familiar, que estivera freqüentes vêzes em sua companhia, que o ajudara em tantas ocasiões no trato do sítio e nos serviços da casa, e voltando-se para o meu lado, perguntou, sempre segurando-me pela mão:

— Você quem é?...

— Eu, tio Manèzinho?!... Eu sou o Joaquim filho da Lídia e do João Oscar... Não se recorda?!...

— Não. Não te conheço... Deus te abençoe... Vão brincar... Cuidado com o pôço...

O velho não me reconhecera. E era justamente por isso mesmo, porque eu estava com mais freqüência a seu lado, que êle não me reconhecia, que êle, sob as névoas da insânia e os eclipses da memória, não me situava na sua afeição e no seu acolhimento.

Saí ressabiado.

O episódio me vem neste momento, fácil e claro, do fundo do nebuloso passado.

Seria o caso de meus companheiros ilustres desta casa de tradição, — não na amnésia do velho demente de minhas reminiscências, mas no fastio de minha convivência descolorida e chã — exclamarem, ante a inutilidade destas palavras de recepção:

— Não precisamos que nos apresentem a Oscar Mendes; êle é muito nosso conhecido, muito mais nosso familiar do que tu és.

Mas o protocolo exige. A etiqueta da Academia recomenda que sob as pompas da formalidade se recepcione o visitante ilustre, se festeje a sua visita ao nosso cenáculo de letras, com todo o requinte e a ritualística de uma iniciação.

Por isto, Sr. Oscar Mendes, aqui estou, canhestro e inútil, a apresentá-lo à admiração e ao respeito de meus respeitáveis e ilustres companheiros da Academia Cearense de Letras, a mais antiga das instituições de cultura, das fundadas sob os moldes da Casa de Richelieu, de tôdas as existentes no Brasil, inclusive aquela que se criou sob a inspiração de Lúcio de Mendonça e a genialidade realizadora de Machado de Assis. A Academia Cearense de Letras foi criada a 15 de agosto de 1894; a Academia Brasileira de Letras teve a sua sessão inaugural somente a 20 de julho de 1897. É também a Academia Cearense a mais liberal das suas congêneres do Brasil, pois foi a primeira a admitir a entrada de mulheres para a sua companhia ilustre, no tácito reconhecimento dessa verdade absoluta e irrefragável de que o espírito não tem sexo. Há pouco tempo eu lia, num dos jornais do Rio de Janeiro, a admiração e a celeuma que se levantou em torno do fato de a Academia de Ouro Preto ter eleito para uma de suas vagas a Sra. Lúcia Machado de Almeida. Dizia o jornal da metrópole do alto da irresponsabilidade com que se ignoram solenemente as coisas da província neste Brasil de muitos equívocos, que D. Lúcia era a primeira mulher a ser admitida numa academia de letras desde que aqui aportou Pedro Álvares Cabral. Ora aqui a novidade vinha de há vinte anos, quando nesta casa foi admitida D. Alba Valdez; e de há um lustre, mais ou menos, quando da Academia Literária veio para nossa companhia, com o seu prestígio e as suas credenciais dignas de todo respeito, a Dra. Henriqueta Galeno.

Esta casa, Sr. Oscar Mendes, tem uma tradição que é muito sua, que é da terra cearense, mas que também é patrimônio da pátria, que é patrimônio da cultura e das letras nacionais. Não me referirei aos seus patronos, onde há nomes como os de Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Fausto Barreto, Heráclito Graça, José Albano, José de Alencar, Juvenal Galeno, Capistrano de Abreu, Oliveira Paiva, Rocha Lima, Tomaz Lopes, Araripe Júnior, todos cearenses e cujos nomes fulgem na constelação mais alta do pensamento e da poesia brasileira, mas citarei os nomes de seus fundadores, para a vossa admiração e o respeito de todos nós. Mencionarei o Barão de Studart, também fundador do

Instituto do Ceará, a quem talvez a nossa província deva o seu reconhecimento mais alto, pela sua abnegação à causa de nossa cultura, pelo seu trabalho de pesquisador muito lúcido e muito dedicado, pela contribuição que nos deixou à feitura de nossa história, ao revigoramento de nossas tradições. Justiniano de Serpa, misto de literato e de estadista, dêsses estadistas hoje raros e que na maioria foram substituídos pelos politiqueiros sem idealismo e sem cultura cívica que nos infelicitam a pátria nesta hora tão carecida de homens. Farias Brito, talvez a maior organização filosófica, a maior vocação especulativa, em tôda a história do pensamento brasileiro. Tomás Pompeu, patrono desta casa, grande mestre de direito, professor e publicista, digno companheiro de Rocha Lima, Capistrano e Araripe Júnior na "Academia Francesa" e na "Escola Popular". Antônio Bezerra, historiador, etnólogo e geógrafo de muita lucidez e imensa cultura humanística. E com êstes, Drumond da Costa, José Fontenele, Álvaro de Alencar, Benedito Sidou, Franco Rabelo, Antônio Augusto de Vasconcelos, Pedro de Queirós, Alves de Lima (o único ainda vivo), Waldemiro Cavalcante, Raimundo de Arruda, Álvaro Mendes, José Carlos Júnior, Virgílio de Moraes, José de Barcelos, Eduardo Studart, Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Antônio Fontenele, Antônio Teodorico da Costa, Pe. Valdevino Nogueira, Henrique Théberge. Todos, como vêdes, são figuras da mais respeitável estirpe nas Letras, nas Ciências, no Direito, na Filosofia, alguns dos quais transpuseram os lindes da Província e se projetaram admiravelmente no cenário das letras nacionais.

Os de hoje, Sr. Oscar Mendes, não precisam recordados. São nomes de vossa cotidiana convivência, de vosso círculo de amizade, de vosso conhecimento normal. São poucos os que verdadeiramente alimentamos o fogo sagrado. Não temos estímulo senão aquêle que explui de nossa generosidade lírica ou de nossa curiosidade espiritual. Somos uma província pobre, onde, não obstante, vivemos asfixiados entre a riqueza inescrupulosa dos *nouveaux-riches*, fàcilmente possibilitada pelo contrabando e ostentada nos clubes elegantes, e a miséria de uma população faminta e sedenta que não tem escolas, não tem hospitais, não tem assistência

oficial alguma, senão aquela do fisco ou, numa escala mais contundente, aquela da justiça vesga e comodista dos que não sabem ou não querem aplicar a verdadeira justiça. Num meio assim, Sr. Oscar Mendes, como se processar a expansão da cultura, como se estabelecer o contágio do bom-gôsto, da literatura e da arte? Somos poucos porque, num mundo de pragmatismos ferozes, de riquezas acumuladas e misérias disseminadas, nesta Academia não se distribuem polpudos jetons. Somos pobres entre os esbanjamentos do luxo e as agonias da mais extrema penúria, mas somos obstinados, acreditamos, de uma crença sem fronteiras nem desfalecimentos, na tradição e no destino de um patrimônio que nos cumpre zelar, acreditamos na Sabedoria, na Beleza, na Arte e no Bem.

Minhas senhoras e meus senhores.

O visitante e confrade que hoje nos honra com a sua presença e que nos traz a mensagem da confraternidade e da literatura das alterosas, pela sua palavra, pelo documento que nos envia, por seu intermédio, a Academia Mineira de Letras, dispensa, como eu dizia de princípio, qualquer apresentação. Sua obra, por si só, é um admirável cartão de visita que se insinua antes mesmo que dêle exijamos qualquer outra credencial. Aí estão os seus livros, a sua obra admirável de professor, de estudioso e de crítico literário. Aí está a sua personalidade respeitável por muitos aspectos, desde as virtudes de cidadão probo e modesto até as qualidades de coração, de inteligência, e ainda o exemplo de suas tendências espirituais, de sua orientação católica, de um catolicismo que evolui sempre em prol da verdade, que se sente bem entre o incenso e as oferendas litúrgicas e ao lado das objurgatórias desesperadas de um Papini e os paradoxos daquele "peregrino do absoluto", daquele cristão meio herético e meio apóstolo, que morria de sede à beira dos mananciais do paraíso, e que se chamava Leon Bloy. Um católico e um cristão que, na sua admirável lucidez e penetração, compreende e interpreta as "trevas fecundas da Idade-Média" e as luminosidades incandescentes de lantejoulas ou, se quiserem, as "trevas infecundas da Idade-Moderna".

A obra de Oscar Mendes, a publicada, aquela que mais acessível está à nossa admiração, é escassa, conquanto profunda. Apenas três livros e um opúsculo e, mais ou menos, um meio cento de traduções, inclusive a do "Morro dos Ventos Uivantes", sobre cuja autôra falará a seguir. Publicou êle a *Alma dos Livros*, ensaios de crítica hebdomadária escolhidos de seus rodapés dominicais no "O Diário", de Belo Horizonte, jornal católico que ajudou a fundar e dirigiu por certo tempo. Os excelentes ensaios *Papini, Pirandello e outros*, que é do melhor que já se tem feito neste país relativamente à interpretação de autôres estrangeiros, em que, com muita agudeza, equilíbrio estético e bom-gôsto, passa em revista a obra e as tendências de escritores como Papini, Domenico Giulioti, Pirandello, Conan Doyle, Ferreira de Castro, Edmond Jaloux, Charles du Bos, Somerset Maugham, Aldous Huxley, Eduardo Mallea e outros, e tudo isto ainda quando êstes escritores não eram tão familiares do público brasileiro como de certo modo agora já principiam a ser. Há pouco tempo publicou êle, pelo Departamento de Cultura do Ministério de Educação, um pequeno volume denso de originalidade e de penetração crítica, no que estuda Nabuco, Mauriac e Baudelaire. Apresenta-nos Baudelaire por uma fisionomia nova, aquela que só Aldous Huxley em *Do What You Will* e T. S. Eliot em *Selected Essays* trataram com tanta profundidade e compreensão, o Baudelaire cristão, o Baudelaire estoirando de gênio, arrebatado, ao mesmo tempo, pela arte e pelo chamado do Cristo, queimado a uma só vez pelo fogo da poesia e pelas luminosidades dos espaços divinos.

Neste pequeno livro estuda ainda a François Mauriac, com muito aprumo, situando o autor de *Les Anjes Noirs* no espaço que lhe compete na literatura francesa e na literatura do mundo. Apenas num pequeno ponto discordaria eu quanto a êste estudo: naquilo em que considera Mauriac superior a Proust. Ora, segundo penso, na literatura francesa sòmente quatro romancistas se podem nivelar à grandeza de Proust — Sthendal, Balzac, Flaubert e Gide.

E que dizer de uma obra ininterrupta, de uma atividade mental que já se avizinha aos 30 anos, e em que se analisam todos os aspectos da literatura, quer a brasileira, quer a estran-

geira e se passam em revista todos os gêneros, desde o romance ao conto, desde o poema ao ensaio ?

Esta é a atividade literária de Oscar Mendes. Do crítico, do conferencista, do professor, do estudioso que hoje nos visita e ao qual esta casa de Antônio Sales tem a honra de acolher. Obra numerosa e que as dificuldades editoriais do país, cada vez mais assolada, pela carestia do papel, pelas deficiências técnicas de toda espécie, não permitem chegue facilmente até nós.

Mas, não obstante todos êsses atropelos, a atividade do pesquisador não se arrefece e não encontra lazeres. Agora mesmo trabalha numa biografia crítica de José de Alencar, o nosso sempre grande e glorioso Alencar, por encomenda da editôra José Olympio, obra que deverá ser dada a lume em 1957 como parte das comemorações do centenário do maior romance indianista das Américas, *O Guarani*. Por aí constataremos a razão precípua de sua estada em nossa terra e aí verificamos a consciência do escritor, a honestidade de propósitos do estudioso e do crítico.

Meus senhores e minhas senhoras. O tempo se escoia e já é preciso que o Sr. Presidente faça soar a hora em que nos seja possível ouvir a conferência de Oscar Mendes sobre Emily Brontë, sobre essa extraordinária romancista que nos veio por intermédio de sua generosidade e de sua inteligência, com tôdas as asperezas, com todo o gênio revôlto de sua natureza violenta que é bem a imagem das charnecas ásperas batidas de vento nos descampados do norte da Inglaterra. Aguardemos e ouçamos a palavra do tradutor de *Wuthering Heights*, dessa obra que, como disse eu certa vez, é um livro desconcertante, um livro que, sem dúvida, teve, ao ser elaborado, a "colaboração do demônio", e que é, ao mesmo tempo, o maior romance de amor, do amor tocado pelo espírito divino, de todos os romances de amor dos tempos modernos.

Sr. Oscar Mendes. Permanecerá nesta casa, estou certo, a lembrança de vossa passagem. Dizei de nossa admiração e do nosso reconhecimento à Academia Mineira de Letras, pelo enviado que nos mandou na vossa pessoa; dizei lá da satisfação que nos deu essa vossa visita de cordialidade e inteligência.